

ANA VILAR, HELENA PIRES & JOÃO ROSMANINHO

anivilar@gmail.com; hpires@ics.uminho.pt; jrosmaninhods@arquitetura.uminho.pt

**UNIVERSIDADE DO MINHO (PORTUGAL) / CENTRO DE ESTUDOS
DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE (PORTUGAL) / LAB2PT**

LIGHTNING (FROM) THE BACKSTAGE: TRIENAL DE LISBOA / BIENAL DE VENEZA - INTERAÇÕES GERADAS PELA COMUNICAÇÃO NA MEDIAÇÃO DE EVENTOS EXPOSITIVOS DE ARQUITETURA

RESUMO

Os novos focos de ação cultural tornam-se, cada vez mais, moventes e intermitentes, gerando Eventos Expositivos. Além do modelo das Exposições Mundiais, proliferam, desde o último quartel do século XX, e sobretudo nos últimos quinze anos, Bienais e Trienais dedicadas à mostra de Arte, Arquitetura, Design e outras modalidades.

Nos Eventos Expositivos de Arquitetura pressupõe-se, pela especificidade do *objeto focado*, uma abordagem diferenciadora relativamente a outras áreas culturais, a qual se afirma conciliável com a experimentação e transformação contínua caracterizadora destas exposições periódicas e que permite a orientação física e conceptual sobre o que se pretende como *enfoque* do debate num dado momento. E é a '*Comunicação*', à semelhança da '*Luz*', que surge como *filtro de 'Mediação'*, *from the backstage*, coordenando, a par das estratégias curatoriais, os cenários que são *palco* da ação cultural dos Eventos e entre Eventos.

Tomando como casos de estudo a Trienal de Lisboa e a Bienal de Veneza, procurar-se-á *clarificar* o modo como a Comunicação é *geradora de sinergias*, através da análise comparativa de factos, procurando compreender o modo como se relacionam e potenciam múltiplas '*interações processuais*', numa interpretação complementada com os resultados de depoimentos por parte de agentes mediadores destes processos.

PALAVRAS-CHAVE

Eventos; comunicação; arquitetura; Lisboa/Veneza

Esta abordagem destaca a preponderância das ações da *Comunicação* que, por *metáfora* com as características da ‘Luz’, estejam presentes nos processos de mediação, refletindo-se não apenas na forma e nos aspetos visuais e tateáveis – fatores “*on the stage*” –, mas que surgem implícitas na intervenção nos tempos, lugares e até conteúdos que caracterizam a Trienal de Lisboa e a Bienal de Veneza. Revelar-se-á também a predisposição comum à ocorrência de interações processuais que, de novo estabelecendo comparação com os *processos luminosos*, é pautada de características dinâmicas e dinamizadoras – fatores “*from the backstage*” que se movimentam para o centro de ação do Evento.

DOS MUSEUS PARA OS EVENTOS EXPOSITIVOS OU DOS FOCOS PERMANENTES DE CULTURA PARA OS FOCOS INTERMITENTES DOS EVENTOS EXPOSITIVOS

Se é verdade que os museus são com naturalidade aceites como *focos permanentes* de cultura, também é verdade que, no que diz respeito ao *objeto expositivo* “Arquitetura” discorre uma especificidade muito própria, de ambivalências teóricas favoráveis a extravasar, quando oportuno, além dos limites do museu. Por outro lado, é essa mesma especificidade da Arquitetura – e das formas de a comunicar e dos temas associados (ou associáveis), pelas características voláteis de se exporem, pela possibilidade de se moldarem, de se transformarem, de se adaptarem – que potencia a exploração de outros meios e outros lugares, outras formas, outros sentidos. E é nessa procura pelo formato expositivo que se vão constituindo e validando, *num determinado lugar e momento*, num debate promovido por temáticas variáveis, que adquirem sentido ao se mapearem segundo essas coordenadas específicas.

Os eventos expositivos, não sendo uma realidade recente - se se pensar que a primeira Exposição Universal ocorreu já em 1851, em Londres (no então existente *Crystal Palace* sito no *Hyde Park*) – surgiram no contexto comemorativo, do acontecimento, da celebração de algo e, com frequência, associado a um ícone arquitetónico e/ou escultórico, como uma “Luz” *evocativa do evento*. Neste tempo de modernidade líquida, como evocaria Z. Bauman, as fronteiras diluem-se e a velocidade de informação tende a aumentar, aproximando-se da *velocidade da Luz*, gerando, *fluxos multidirecionais* de ações. Este é um tempo que justifica logo *a priori* esta aceleração, esta viagem no *tempo da Luz*, um tempo partilhado com a Comunicação. Talvez por isso, assiste-se à proliferação de eventos deste tipo, como *pontos*

luminosos que mapeiam a realidade a nível internacional. Se no seguimento das exposições universais se constituiu já em 1931 o BIE¹, no ano de 2009 foi criada, a *Biennial Foundation*², que por sua vez contribuiu para o surgimento de uma outra instituição dedicada a este tipo de eventos, a IBA³ fundada em 2014. Embora na sua génese e principal função seja referida a ligação destes eventos expositivos à Arte Contemporânea, esta dedicação não é exclusiva e agrega referências de agenda de iniciativas no âmbito do Design, Artes Gráficas, Arquitetura e Media e/ou outras áreas visuais, performativas e experimentais. De igual modo não se esgota no formato “bienal” e considera também outras periodicidades, estabelecendo a mediação entre mais de 150 eventos expositivos – dos quais pelo menos 29 em 2015. O ano de 2016 revela-se especialmente prodigioso na quantidade de eventos expositivos de Arquitetura de carácter internacional programados em solo europeu, com a realização da Bienal de Veneza, a Trienal de Lisboa, a Trienal de Oslo e a Bienal de Arquitetura de Roterdão.

Estes formatos atuais de *Comunicação da Arquitetura* congregam a sua função de *transmissão, mediação e difusão* agindo como um filtro definidor do que é importante debater em termos de Arquitetura no momento. Os próprios temas dos eventos parecem convergir para esse mesmo objetivo, na busca de um “*Common ground*”⁴ onde “*People meet in architecture*”⁵, daí sobressaindo um chamamento de ambições nacionais e internacionais, que contribuem para a construção da *matriz referencial* das exposições de arquitetura na atualidade.

A MEDIAÇÃO DOS EVENTOS EXPOSITIVOS PELA COMUNICAÇÃO OU A LUZ COMO FILTRO

Os Eventos Expositivos de Arquitetura que sustentam este estudo representam *intensidades* diferentes. A Trienal de Lisboa participa de uma ainda curta existência, estando em preparação para a 4.^a edição em 2016, sendo que, no mesmo ano a Bienal de Arquitetura de Veneza verá realizada a sua 15.^a edição - além de que registando a carga histórica das 56 edições da Bienal de Arte e 72 edições do setor Cinema, bem assim dos Festivais

¹ *Bureau International des Expositions*, com sede em Paris.

² Registada na Holanda.

³ *International Biennial Association*, sediada em Gwangju, Coreia do Sul.

⁴ Tema geral da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2012, com curadoria de David Chipperfield.

⁵ Tema geral da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2010, com curadoria de Kazuyo Sejima.

promovidos pelas secções de Música, Teatro e Dança (desde 1930, 1934 e 1999, respetivamente).

A Trienal de Lisboa surge impulsionada pelo Arquiteto José Mateus que comissariou a primeira Trienal em 2007 – “Vazios Urbanos” –, sendo que a esta se seguiram a de 2010 – “Falemos de Casas”, sob curadoria geral de Delfim Sardo – e 2013 – “Close, Closer”, sob curadoria de Beatrice Galilee. A Bienal de Arquitetura de Veneza acontece formalmente⁶ desde 1985 (ainda que nem sempre com regularidade expectável), desde “*A presenza del passato*”, sob curadoria de Paolo Portoghesi (também curador da segunda edição, em 1981-1982). Seguiram-se-lhe na curadoria deste evento Aldo Rossi (1985 e 1986), Francesco Dal Co (1991), H. Hollein (1996), M. Fuksas (2000), D. Sudjic (2002), K.W. Foster (2004), R. Burdett (2006), A. Betsky (2008), K. Sejima (2010), D. Chipperfield (2012) e R. Koolhaas (com “Fundamentals”, em 2014). A *Curadoria* destes eventos de *Interesse Público para a Cultura*, suportada por estes agentes mediadores de *background* diverso - ainda que sempre povoado pela *sombra da Arquitetura* – constitui-se como um ponto importante, na medida em que associa a cada edição um tema, que servirá de mote à exposição na sua génese. São estes títulos e as suas pegadas curatoriais que fazem perpetuar e associar a um determinado tempo os eventos expositivos, caracterizando-os.

Mas e a *Comunicação*, em que aspetos está presente nos Eventos Expositivos de Arquitetura? Comumente *longe das luzes da ribalta*, as equipas de Comunicação gerem todo o quotidiano laboral do Evento, em todas as suas fases e distribuindo-se em vários vetores da mediação dos eventos expositivos. Esta abordagem contempla três dessas áreas: exposição, programação e divulgação.

A conceptualização gráfica é um aspeto visível do tema curatorial que poderá incluir todos os suportes de concretização da mostra expositiva, nos moldes expositivos em que for decidida, bem como em todos os suportes informativos no local da exposição, os de acompanhamento móvel do percurso expositivo e os formatos editoriais do pós-evento.

O entrosamento entre departamentos permite, na Trienal de Arquitetura de Lisboa, uma cooperação também ao nível dos conteúdos, através do desenvolvimento factual e documental dos conteúdos conceptuais impressos no discurso curatorial, traduzidos na apresentação das pessoas, nas eventuais traduções e na clarificação das iniciativas programáticas.

⁶ Com o Arquiteto Vittorio Gregotti já tinham sido avançadas algumas experiências curatoriais no setor da Arquitetura, enquadradas no âmbito da Bienal de Arte de Veneza, e inclusivamente, houve uma espécie de *Biennale Zero*, com base na mostra expositiva “*A proposito del Mulino Stucky*”.

É nesta gestão programática que assenta grande parte da esfera de ação pelos Departamentos de Comunicação destes dois eventos. E, embora haja aqui uma contínua referência ao fator de “exposição”, a verdade é que estes eventos difundem-se muito para além da experiência expositiva pois que a concretização dos temas se estende a outras modalidades – como é o caso dos *Meetings On Architecture* e das *Weekend Sessions* da Bienal de 2014, ou das conferências no âmbito da Trienal de Lisboa. Estas experiências, e outras presentes nestes eventos, implicam uma coordenação geral e de gestão de toda a logística de meios e pessoas que passará sempre pela Comunicação (ainda que no que concerne às diretrizes se mantenha uma soberania do curador na seleção dos participantes), pois que a esta cabe gerir o *painel geral do evento*.

Será, porventura, na *divulgação*, que assenta a faceta mais óbvia da Comunicação presente nestes eventos expositivos. Situada no *intervalo* entre o caráter informativo e o publicitário, construída entre *dossiers de imprensa*, permite a difusão contínua através dos vários canais de *Media*, em ritmos cada vez mais intensivos, sobretudo os distribuídos na *World Wide Web* e redes sociais. Contudo, constitui sempre um trabalho de *mediação*, *de filtragem*, *de absorção e difusão da informação* que deve ser *criteriosamente selecionada*, colocada à luz do público.

INTERAÇÕES PROCESSUAIS OU DINÂMICAS LUMINOSAS

(...) o conceito de mediação (...) pode oferecer uma direção promissora para uma disciplina que enfrenta o desafio de conceptualizar as práticas comunicativas, tecnologias e combinações sociais como inseparáveis, reciprocamente determinando aspetos do processo de comunicação social. (Lievrouw, 2009, p. 304)

A Comunicação *torna-se clara* em múltiplas áreas do estudo dos eventos expositivos de Arquitetura cartografando-se numa posição nevrálgica de *mediação*. É um processo complexo que, como refere Leah A. Lievrouw (2009), torna indissociáveis fatores que, apesar de distintos, são determinantes e necessários para uma leitura dos desafios contemporâneos da mediação. A Comunicação revela, ainda, *nuances* de outras potencialidades, por consequência das dinâmicas pluridisciplinares que estão impressas no ato de mediar e de gerir os eventos expositivos. Como tal, neste contexto são capazes de gerar sinergias, multidirecionais, sendo que estas

poderão ir da mera *influência* à *interferência*, nos e entre eventos expositivos – de forma mais ou menos evidente, dado que são *esbatidas* as fronteiras que permitem distinguir principio ou o fim, ter a percepção do que é causa ou consequência, pois nestes ciclos, não necessariamente fechados, reside sempre a possibilidade de abertura a *novas interações* que passem a integrar no processo. Neste sentido, o que aqui se propõe é ilustrar as *interações* – ou dir-se-ia, *dinâmicas luminosas*, no sentido em que alteram intensidades, deslocam focos de atenção ou se transformam de outros modos – presentes em eventos expositivos de Arquitetura, tendo como referências a Trienal de Lisboa e a Bienal de Veneza. Assim se demonstrará que os modos de interação denotam *estratégias ao nível dos bastidores*, ainda que de forma mais ou menos consciente – consoante o que as formas de planeamento o ambicionem -, e de forma mais ou menos previsível – consoante a gradação de *intensidade* que seja possível, logo à partida, antever quanto às consequências do processo em questão. Nesta reflexão serão considerados três níveis de significação: as interações da Comunicação entendida no conceito inerente ao ato de comunicar; as interações resultantes da atividade ou da ação profissional pelos agentes do meio; e as interações no seu sentido literal, de conjugação entre “Luz” e “Comunicação”.

INTERAÇÕES PROCESSUAIS - PELA AÇÃO DE COMUNICAR NO SENTIDO DA EXPOSIÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Na compreensão do sentido da exposição propriamente dita haverá que considerar as *influências da Comunicação no discurso curatorial*, cuja tendência atual converge para a promoção de um *discurso que não é unilateral*. Ainda que o mote curatorial arranque desde bastidores, a construção do discurso é feito de forma contributiva, seja por outros pares, seja pelo próprio público. Nesse sentido, a título de exemplo, os projetos curatoriais de Dani Admiss em “Efeito Instituto” e de Mariana Pestana com “A Realidade e Outras Ficções”, duas das exposições da Trienal de Arquitetura de Lisboa de 2013, são especialmente caracterizadoras desse *processo comunicativo polidirecional*.



Figura 1: Exposição no âmbito da Trienal de Lisboa de 2013 «O Efeito Instituto» - curadoria de Dani Admiss -, MUDE, Lisboa, PT – novembro de 2013
Créditos: Ana Vilar



Figura 2: Exposição no âmbito da Trienal de Lisboa de 2013 «A Realidade e Outras Ficções» - curadoria de Mariana Pestana -, com LQFUB para criação da Fanzine Friendly Fire, em Carpe Diem, Arte e Pesquisa, Lisboa, PT – novembro de 2013
Créditos: Ana Vilar

No primeiro caso, ancorado no MUDE em Lisboa, *o enfoque* é dado aos “Institutos”, pois que “(...) são indiscutivelmente tão influentes no panorama atual quanto os autores que lhe dão nome, os arquitetos”⁷ e que pretendeu “ser um fluxo de atividade em constante rotação”⁸. A proposta expositiva passou, na verdade, por um conjunto de iniciativas decorridas no espaço do museu, a partir de um projeto inicial de simulação de um Instituto, de forma fictícia, a partir da proposta de *Fabrica*, a partir do qual foi sendo construído um ciclo narrativo contado a prestações, em que cada Instituto incorpora mais uma linha no discurso curatorial e regras no processo seguinte. Existe, portanto, implícito neste processo, um paralelismo latente quanto à própria *noção industrial moderna*, assente na montagem destas peças “pré-fabricadas”, conjugadas de formas diversas, para a construção de um objeto único. Não obstante este processo permitir e até estimular a participação dos visitantes, com “A realidade e Outras Ficções” a panóplia de interações poderá ser mais explícita ainda. Senão, repare-se na diversidade de ‘intervenções expositivas’ contidas nesta proposta⁹ e suas sub-propostas: *Sala da Nação – Embaixada de Terra Nenhuma* (com mesas-redondas para simulação de uma embaixada com abertura ao público); *The Universal Declaration of Urban Rights* (com elaboração de artigos em “sessões parlamentares”), *Games To Lose Control* (com jogos de “escape à lógica”), *Sonda Espacial L.Q.F.U.B.* (criação da Fanzine *Friendly Fire*, a partir de sessões temáticas na “*Machine*” criada para o efeito), *The Planetary Sculpture Supper Club* (com realização de jantares temáticos que sentaram literalmente à mesa, visitantes e convidados especiais); *In Dreams I Walk With You* (peça de teatro), *Slowly Ceiling* (experiência performativa entre o visitante e a arquitetura do espaço, que o convida a “adormecer”).

Enquanto material de pesquisa, a exposição torna-se uma entidade ambígua ao incorporar o seu próprio discurso, ideias e tradições o que coletivamente é geradora de significado cultural ao longo do tempo. Análises de exposições não necessariamente privilegiam o próprio meio de visualização da exposição – a sua concretização física – mas pode por contraste incluir material e média de diferentes contextos interrelacionais. (Arrhenius, 2014, pp. 8-9)

A seleção da modalidade expositiva e a escolha do canal de comunicação é, portanto, passível de gerar dinâmicas de interesse para esta reflexão.

⁷ Retirado de <http://www.close-closer.com/pt/programa/o-efeito-instituto>

⁸ Retirado de <http://www.close-closer.com/pt/programa/o-efeito-instituto>

⁹ Retirado de <http://www.close-closer.com/pt/programa/a-realidade-e-outras-ficcoes>

Confirme-se o paradoxo veiculado com a proposta curatorial do Arquitecto Pedro Campos Costa no âmbito da participação oficial portuguesa na Bienal de Arquitectura de Veneza em 2014, com “*Homeland – News From Portugal*”, em que há um retorno ao analógico para gerir o tempo contemporâneo, da informação. Este regresso ao jornal como suporte expositivo privilegiado denota uma dualidade funcional da comunicação, enquanto ‘forma de exposição’ e como ‘canal de divulgação’. Foi, assim, uma forma de *apontar as luzes* ao panorama português, projetando-o internacionalmente, numa lógica, poder-se-ia dizer, de exportação de conteúdos.

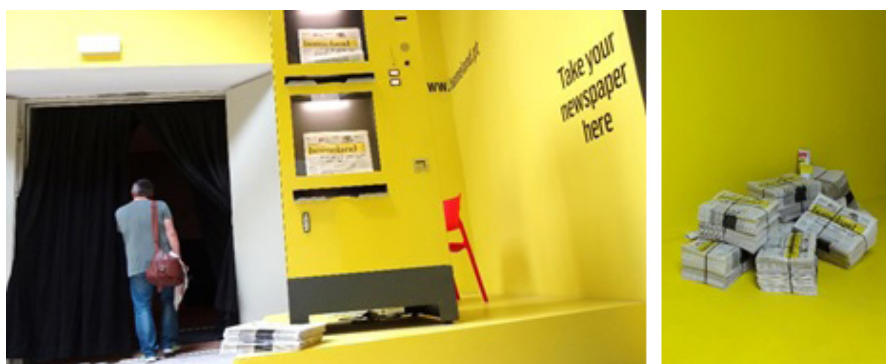


Figura 3: Exposição «Homeland – News from Portugal» – curadoria de Pedro Campos Costa -, no âmbito da participação oficial portuguesa na Bienal de Arquitectura de Veneza de 2014. Veneza, IT – agosto de 2014
Créditos: Ana Vilar

O arquiteto e curador Pedro Gadanho faz notar que esta forma de participação

(...) é apenas um jornal, mas um jornal que veicula posições e opiniões críticas de gente a quem a celebridade passa ao lado. Este atributo é essencial. (...) Como sugerido por Jürgens Habermas, não há melhor lugar para contribuir para a esfera pública do que um jornal e as suas variantes contemporâneas.¹⁰

Por fim, uma outra componente revelada com este projeto é a da aparente alteração da ordem natural do processo e as suas características

¹⁰ Pedro Gadanho, num texto originalmente publicado no jornal Expresso e reproduzido em Helm, J. (2014). *Muito lá de casa: Portugal na 14ª Bienal de Arquitectura de Veneza* Pedro Gadanho. Archdaily Brasil. Retirado de <http://www.archdaily.com.br/br/612457/muito-la-de-casa-portugal-na-14a-bienal-de-arquitetura-de-veneza-pedro-gadanho>.

moventes: a exposição que é jornal, o jornal que ganha um lugar expositivo para ser distribuído, e só por fim, o regresso a Lisboa com uma “real” exposição na Garagem Sul, sobre o jornal-exposição.

A Arquitetura em exibição é um objeto de investigação infinito e escorregadio, movendo-se de estratégias de exposição para a exposição propriamente dita, para a sua receção, política institucional, posições historiográficas e efeito discursivo. A ação de expor e a exposição como evento em si constantemente alterna quando as exposições arquitetónicas estão em análise. (Arrhenius, 2014, p. 8)



Figura 4: Exposição no espaço *Garagem Sul* sobre *Homeland – News from Portugal* – curadoria de Pedro Campos Costa -. Lisboa, PT – março de 2015
Créditos: Ana Vilar

INTERAÇÕES PROCESSUAIS – PELAS AÇÕES DOS AGENTES PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO

No respeitante às *estratégias profissionais* sob as quais se desenvolve a Comunicação, as possibilidades são também múltiplas. Nos canais *online* - site, newsletter, redes sociais e outros conteúdos média – os efeitos são *multidirecionais* e *multitemporais*. Por um lado há a evidente divulgação pré-evento, sendo que estas ferramentas da comunicação permitem também o acompanhamento via *streaming* e a perpetuação do “arquivo digital do evento” – que na Bienal de Veneza toma a designação de “*Mediacenter*”.

Porém, noutra perspetiva desta questão, será possível compreender que ao colocar *online* os conteúdos há uma espécie de evento contínuo, como refere Aaron Betsky¹¹ (Levy & Menking, 2004, p. 152), suscetível de gerar dinâmicas criativas que estimulem os vários departamentos a criar um evento que faça sentido visitar *in loco*, como é de objetivo comum.

Por outro lado, esta visibilidade acaba por não significar apenas uma divulgação e partilha de conteúdos, mas a criação e desenvolvimento de toda uma rede de contactos em *networking*, capaz de: captar patrocínios e se tornar apelativa ao estabelecimento de parcerias pontuais, com vantagens para ambas as partes; promover os agentes profissionais envolvidos nestes processos (participantes nestes eventos expositivos que sejam chamados a migrar para outros eventos similares); estimular à participação de novos públicos, quer no âmbito da comunidade criativa, quer ao cidadão comum, num convite à participação cultural de todos.

Neste aspeto, o evento *Open House Lisboa*, promovido e iniciado pela Trienal de Lisboa desde 2012¹², no âmbito do plano *Intervalo*, permite a manutenção quer do evento expositivo e instituição que lhe conferem o nome, bem como a inclusão num circuito internacional - como que *franchisado* do *Open House Internacional* - num claro convite a este incremento da rede de contactos que manifesta interesse pela Trienal e eventos por esta veiculados, num literal “abrir portas” aos bastidores. Esta forma de programação, de quase *fait-diver* relativamente ao evento central, e com um aparente sentido voltado para o interior, acaba por funcionar, na verdade, como catalisadora e disseminadora.

Veja-se o caso do ciclo *Distância Crítica*, que estabelece alguns pontos temporais entre as edições da Trienal de Lisboa como forma de manter a “chama acesa” - uma necessidade que não parece afetar a Bienal de Veneza em que cujo estatuto internacional e histórico conquistados, bem como a regularidade de alguns dos seus setores anual e intercalação do evento bienal da Arquitetura em alternância com a Arte, determinam a não *falência energética* do evento/ instituição sem mais investimento. Por outro lado, seja através de outros eventos situados no “*Intervalo*”¹³ das edições, a disseminação da programação torna-se bastante evidente nos períodos

¹¹ Curador da 11.ª Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2008, com o tema “Out There: Architecture and Beyond”.

¹² O *Open House Lisboa* conta já com 4 edições realizadas, uma por ano (6 e 7 de outubro de 2012, 5 e 6 de outubro de 2013, 11 e 12 de outubro de 2014 e 10 e 11 de outubro de 2015), sendo que este ano, pela primeira vez, a iniciativa se estendeu à criação do *Open House Porto* (4 e 5 de julho de 2015).

¹³ Âmbito da Trienal de Lisboa.

centrais destes dois eventos, pelo menos a nível das cidades respetivas (Lisboa e Veneza), polvilhadas de cartazes, totens, informações nos transportes públicos, moventes. Existe, portanto, uma contaminação (positiva) extensível às pessoas, um constante convite programado à participação, em múltiplas formas, para iluminar estes eventos expositivos, posicioná-los *no centro do palco*.

Neste sentido, é curioso observar algumas partilhas destes espaços de convivência da Comunicação, no sentido de aproveitar as condições de um e de outro evento como promoção de outro evento. Significa isto que há um sentido de oportunidade por parte das Relações Públicas dos Eventos em fazer coincidir momentos determinantes da sua ação com eventos semelhantes, nesse mesmo convite indireto à deslocação ao evento. A título de exemplo poderá referir-se o caso do anúncio da participação portuguesa na Bienal de Veneza de 2014, em que uma das duas conferências de imprensa realizadas para o efeito convergiu no tempo e no espaço com o evento expositivo *Porto Poetic*¹⁴.



Figura 5: Conferência de imprensa sobre *Homeland – News from Portugal* realizada aquando de *Porto Poetic*, na Biblioteca Almeida Garrett, Porto, PT – março de 2014
Créditos: Ana Vilar

¹⁴ Exposição de Arquitetura e Design e ciclo de conferências *Porto Poetic Talks*, com curadoria de Roberto Cremascoli. Evento realizado na Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, entre 5 de março e 3 de abril de 2014, subsequente ao evento com o mesmo nome ocorrido no ano anterior no Museu *Triennale di Milano*, em Itália.

INTERAÇÕES PROCESSUAIS — PELO SENTIDO LITERAL DE EXPOR ATRAVÉS DA LUZ

Por fim, uma menção às similaridades da Comunicação e da Luz na definição dos espaços expositivos. As potencialidades da Luz manipulada artificialmente são um recurso viável quer enquanto mediadora da transmissão expositiva, como enquanto suporte. Trata-se de uma opção expositiva que permite conciliar técnicas e conteúdos segundo uma panóplia alargada de modalidades. Para nomear exemplos recentes, recorde-se a exposição “*Monditalia*”, que integrou o ano de «*Fundamentals*», em 2014, sob curadoria do Arquiteto Rem Koolhaas¹⁵ e permitiu, fisicamente definir as fronteiras do espaço expositivo na *Corderie dell’Arsenale*, numa definição do ambiente arquitetónico, numa introdução aos conteúdos relativos ao retrato de Itália no Mundo, cujas projeções de imagens em múltiplas disposições cartografadas com critério definiam percursos possíveis ao longo do espaço expositivo.

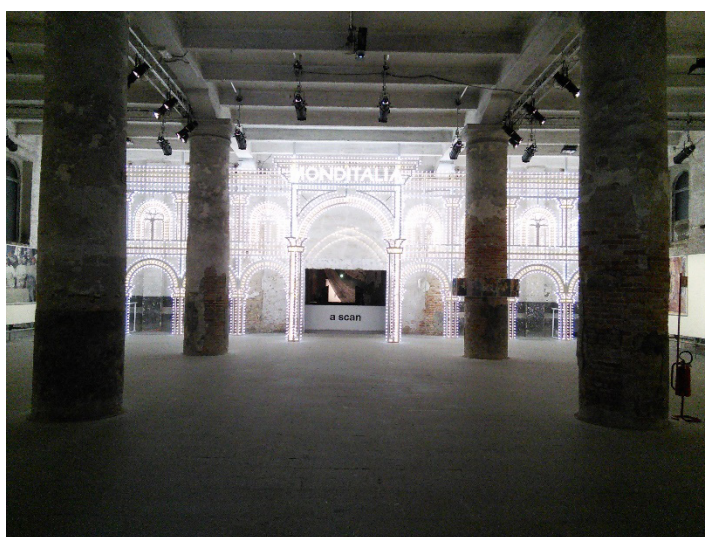


Figura 6: Exposição no âmbito da Bienal de Arquitetura de Veneza «*Monditalia*» - curadoria de Rem Koolhaas -, Arsenale, Veneza, IT – agosto de 2014
Créditos: Ana Vilar

No caso da Trienal *Close, Closer*, a exposição “Futuro perfeito” – com curadoria de Liam Young –, em 2013, no Museu da Eletricidade, foi

¹⁵ Arquiteto curador da 14.ª edição da Bienal de Arquitetura de Veneza.

porventura o exemplo mais flagrante desta forma de ilustrar este modo como *A Luz e a Comunicação* podem contribuir para a construção dos cenários da contemporaneidade cultural, em conjugação com um conceito curatorial de especulação e ficção sobre a cidade do futuro, numa sequência de cenários em grande parte modelados pela luz. Luz esta definidora de lugares e tempos dos eventos expositivos exprimindo a capacidade partilhada entre a Comunicação e a Luz em moldar ambientes e de definir, pela mediação, o “contorno dos espaços”¹⁶.



Figura 7: Exposição no âmbito da Trienal de Lisboa de 2013 «Futuro Perfeito» - curadoria de Liam Young -, Museu da Electricidade, Lisboa, PT – novembro de 2013
Créditos: Ana Vilar

CONCLUSÃO

Retome-se, por fim, o sentido inicial desta comunicação: *as capacidades da Luz e da Comunicação* - o fator chamativo, da ideia; convidativo e direcionado; clarificador do foco de ação à luz da contemporaneidade, dando visibilidade àquilo que é selecionado, filtrado, mediado - e a forma como molda a perceção do que aí se passa, através da delineação de *estratégias* concertadas entre os vários intervenientes da área e outros externos,

¹⁶ Alusão ao painel em que surge integrada esta comunicação «Luz e o contorno dos espaços», no âmbito da Conferência Internacional sobre Comunicação e Luz, em 2015, na Universidade do Minho em Braga – Portugal.

permitiu clarificar além ‘*espectro visível*’” por intermédio dos casos de estudo da Trienal de Lisboa e da Bienal de Veneza, os *processos de interação* gerados pela Comunicação em eventos expositivos de Arquitetura.

A *Luz e a Comunicação*, como filtro de orientação estratégica na modelação dos eventos expositivos de Arquitetura a partir dos bastidores. As interações construídas em *layers* de diversidade contemporânea na construção de *constelações*, fluxos multidirecionais de agregação de temporalidades – um Futuro, *uma Pausa para a Utopia*?¹⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arrhenius, T.; Lending, M.; Miller, W. & McGowan, J.M. (Eds.) (2014). *Place and Displacement EXHIBITING ARCHITECTURE*. Kösel: Lars Müller Publishers.
- Caetano, J. & Rasquilha, L. (2005). *Gestão da Comunicação*. Lisboa: Quimera.
- Caetano, J. & Rasquilha, L. (2007). *Gestão e Planeamento de Comunicação*. Lisboa: Quimera.
- Costa, P.C. & Allegri, A. (2014). *Homeland, News from Portugal – Arquivo 2014*. Lisboa: NOTE.
- Foundazione La Biennale di Venezia (2014). *Fundamentals – catalogo 14.mostra internazionale di architettura*. Venezia: Marsilio Editori.
- Gausa, M.; Guallart, V.; Müller, W.; Soriano, F.; Porras, F. & Morales, J. (2003) *The Metapolis Dictionary of Advanced Architecture*. Barcelona: ACTAR.
- Lesly, P. (2002). *Os Fundamentos de Relações Públicas e da Comunicação*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- Levy, A. & Menking, W. (2004). *Architecture On Display: on the history of the Venice Biennale of Architecture*. London: Architectural Association London.
- Lievrouw, L.A. & Livinstone, S. (Eds.) (2009). *New Media – Volume IV*. London: SAGE Publications.
- Lievrouw, L.A. (2009). New media, mediation, and communication study. *Information, Communication & Society*, 12(3), 303-325: DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13691180802660651>

¹⁷ Alusão ao tema inicialmente anunciado para a Trienal de Arquitetura de Lisboa de 2016, «Constelações – uma Pausa para a Utopia» - entretanto alterado para “A forma da forma” (título partilhado com uma das exposições centrais do evento), conforme anunciado em 14 de outubro de 2015 - sob curadoria dos Arquitetos André Tavares e Diogo Seixas Lopes.

O'Neill, P. (2012). *The culture of curating and the curating of culture(s)*. Cambridge: MIT Press.

Trienal de Arquitectura de Lisboa. (2007). *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa*. (catálogo). Lisboa: Caleidoscópio.

Trienal de Arquitectura de Lisboa. (2010). *Falemos de casas: entre o Norte e o Sul. Let's talk about houses: between north and south*. (catálogo). Lisboa: Athena.

Trienal de Arquitectura de Lisboa. (2013). *Close, closer* (guia). Lisboa: Gráfica Maiadouro.

REFERÊNCIAS NA INTERNET

Archdaily Brasil: <http://www.archdaily.com.br>

Biennial Foundation: www.biennialfoundation.org

Carpe Diem, Arte e Pesquisa: <http://www.carpe.pt>

Fondazione La Biennale di Venezia: www.labiennale.org/it/

Open House Worldwide: <http://www.openhouseworldwide.org/>

Trienal de Arquitectura de Lisboa: www.trienaldelisboa.com/pt/